

Das pequenas mortes¹

*O caminho de ida parece o da volta,
mas é só ilusão*

1.

Cinco dias sem beber e eu já estava enxergando melhor. Respirava bem e, apesar da ansiedade, sentia uma doce disposição. Eu também tinha parado de fumar. Fazia semanas que já não encontrava uma carreira, e talvez por isso eu tenha enxergado de imediato a diferença do seu corpo em relação às demais, a bunda avantajada, o porte de quem carrega um mundo nas costas. Caminhava em sua lenta movimentação, coisa de quem experimenta no simples ato de existir uma grande responsabilidade. O que haveria levado-a a sair? É o que eu teria me perguntado, se ainda vivesse o tempo das questões. Mas não. Deslumbrado pelo inesperado do encontro, meti-lhe um tapa sem nada hesitar, gozo estranho o de se dar a um ímpeto irrefletidamente, confiando nas razões que a própria consciência ainda não alcançou. Foi acertá-la para eu ser tomado por um êxtase envergonhado e de certa forma repulsivo, algo semelhante àquele prazer que atravessa quem termina por gozar dentro quando o plano e a promessa eram tirar bem no último instante.

2.

Não sei o que levou a rainha a sair das paredes e parar ali, no meio do corredor, como que esperando o meu ataque. Talvez fosse um prêmio que surgia como consequência da minha recente mudança de comportamento, é o que eu pensaria se ainda considerasse conexões entre fatos desconexos — afinal, estamos falando aqui sobre os efeitos que as formigas têm na vida de cada um de nós, não sobre um efeito borboleta que pudesse ser causado por esta insuportável e necessária abstinência. Não. Limite-me a aceitar que eu apenas dei a sorte de — era o final da manhã de um domingo, o instante em que eu me coçava inteiro, a já não mais me poder suportar; limite-me a aceitar que eu apenas dei a sorte de encontrar, no meio do meu pequeno apartamento, a rainha da comunidade de formigas que divide comigo esta morada na parte mais baixa deste bairro já quase nem mais lembrado; a sorte de conseguir acessá-la antes mesmo que toda a colônia me atacasse em uma grande investida, e então o fim de uma história desprovida de qualquer particularidade memorável senão as formigas e seu papel na comunidade dos insetos e no universo dos homens que, assim como eu, não sabem o que fazem até o momento em que já não há nada mais a realizar senão aceitar que o que resta é esmagar alguma outra coisa no meio do caminho, na impossibilidade de esmagar a eterna pedra, e então seguir em frente.

3.

Esmaguei-a e então segui em frente. Deixei seu corpo ali mesmo, como se fizesse dele um aviso (aqui se esmagam rainhas), e fui ao banheiro lavar minhas mãos. Uma

¹ Conto publicado pela primeira vez na Revista Chama, nº 2, de dezembro de 2019.

sensação estranha tomou conta do espaço, ao mesmo tempo de júbilo e de dor, de culpa e de enlevo — tirar a vida de um ser importante (com um único tapa, eliminar a potência de duas décadas de vida): há algo mais a se dizer sobre isso, ainda que eu não saiba exatamente o quê. Instantes antes, ao ouvirem o rígido exoesqueleto da sua progenitora se estraçalhar sob a alma da minha palma nua, sentinelas que caminhavam céleres congelaram: era como se de repente tudo em suas vidas se houvesse perdido, e a razão mesmo de ser formiga houvesse sido esmagada junto àquele corpo que até então lhes oferecia propósito e referência, ainda que sem nenhuma autoridade. Lavadas as mãos, tive a sensação de que as operárias que presenciaram a cena passaram a caminhar lentamente na direção dos meus pés, relembrando o assassinato: era como se buscassem um destino que se havia antecipado antes mesmo de ocorrer — que irreversível é o destino que se apresenta fora do tempo.

4.

Não é novidade que há muito venho enfrentando os insetos em uma batalha de tudo particular, mas não me lembro de ocasião em que tenha alcançado vitória semelhante. Digo isso para fazer compreender por que aquele cadáver serviu para me lembrar por todo o dia da minha já quase esquecida possibilidade do sucesso, e em diferentes momentos eu me vi novamente atravessado por aquela doce disposição da manhã, o ar circulando pelo meu corpo, em que pese um crescente flerte com o desespero. Sim, desespero. Aos poucos, fui-me vendo ser tomado por uma tola histeria, e se acreditasse em conexões entre fatos desconexos eu talvez considerasse que a bebida, o cigarro talvez tivessem sido ao longo da minha vida os verdadeiros obstáculos desta minha luta, e que sem eles eu finalmente ganhava as forças essenciais para o meu combate — ou talvez acreditasse no exato contrário, e pensasse que as drogas é que tinham sido justamente as minhas aliadas na ingrata tarefa de suportar a impossibilidade de vencer qualquer coisa, elas então justamente as responsáveis por eu não retornar ao pó, mas não: eu não acreditava em nada, e sabia desde já estar tratando apenas dos efeitos que as formigas e os insetos têm na vida dos homens, não de metáforas edificantes sobre os efeitos da abstinência e a importância de se superar um dia de cada vez, um dia de cada vez — cada vez. Dito de outra forma, este não é um texto escrito em cores, mas o fruto do alinhamento ordenado de palavras que não tocam instância alguma da consciência humana senão a da possibilidade pela casualidade, e apenas ela, o que paradoxalmente não se pode explicar aqui por meio destas palavras, e outras, aqui, já não cabem mais. Posto isso, creio que não espanta dizer que dediquei a semana seguinte ao controle dos mais variados humores. No decorrer de alguns dias, terminei reconquistando a estabilidade emocional, o que me deixou genuinamente otimista.

5.

Passados esses dias, ainda agora a carcaça está lá, no mesmo lugar, o centro do meu corredor, neste apartamento em que os dias já se parecem repetir em simulacros de si mesmos. Contudo, agora eu já não me sinto mais tão bem. Cada palavra tem uma razão, a despeito de sua insignificância, e por isso eu miro o meu cadáver: ele segue no mesmo lugar. Esperava que as formigas aparecessem para carregá-lo e comê-lo, esquecidas de

que aquela, assim como as demais, era também uma formiga, uma formiga como outra qualquer, apenas uma outra formiga *anterior*, ou talvez se lembrando justamente disso, mas não, nenhuma formiga apareceu. Sigo para a cozinha, abro o armário: nenhum indivíduo da colônia ronda a vasilha de açúcar buscando ensinar formas de se esgueirar para dentro do que sempre mais importa em busca de algum importante prêmio (pelos vãos de tudo o que se faz tampa, os espirais: custei a descobrir, o pote entre as mãos).

6.

Hoje já não há mais formigas no armário, debaixo da cama, na mesa da sala. Há vários dias, já não há mais formigas se esgueirando no vaso sanitário, a fazer sabe-se lá o que entre os germes e a água, a histeria da carreira, quase uma saudade, as dinâmicas do cordão: não. Em lugar algum há mais formigas. Não há mais formiga alguma por aqui. De alguma forma, estamos falando aqui de muitas vidas simples, todas elas reunidas na existência em um pequeno apartamento de pouco mais de quarenta metros quadrados em um bairro já esquecido desta cidade sem conhecimento de si — e então a mais relevante morte se apresentando subitamente, em um instante fora da consciência, a absoluta privação da vida. Um juiz perguntaria quem em sua consciência mataria uma formiga de mais de dois centímetros com a pura palma nua. Juiz algum há para julgar o que a justiça é incapaz de conceber como questão. E não há mais formiga alguma em lugar algum.

7.

Outras rainhas podem haver, os dias podem ser precisos, mas nada disso importa mais. O que importa é o agora, este estranho instante em que eu ainda estou aqui. Não: já não é tempo mais de correção. Eu ainda estou aqui. O pequenino cadáver continua no meu corredor, já apodrecido pelo tempo — o tempo do tempo, tão diferente para as formigas e para os homens, e este apartamento se dissolvendo na memória de um bairro já sem nome, sem destino. Não. Eu já não me sinto mais tão bem. A cidade já não se sente mais tão bem. Não há mais carreiras, não há mais cordão, não há mais nada em lugar algum agora. De repente eu estou absolutamente sozinho no meio do meu corredor, eu sinto a minha mão latejar, ela lateja como se cortasse o ar na direção do meu rosto, rosto que já faz tanto tempo, fulminante: a formiga ainda está lá. Eu ainda estou aqui, mas talvez já não haja mais nada a se dizer depois de agora. Não. Não há nada a se dizer depois de agora. Não é a primeira vez que alguém diz isso. Nunca se poderá saber quando será a última.